A CRIAÇÃO DE UM NOVO GÊNESIS EM: UM SOPRO DE VIDA DE CLARICE LISPECTOR

Diná Mendes de Souza OLIVEIRA

Formada em Letras pela UERN, especialista em Linguística Aplicada- UERN, Mestrado Profissional em Letras- UERN e aluna do doutorado em Letras – PPGL – UERN. [dinaeeduardo@hotmail.com](mailto:dinaeeduardo@hotmail.com)

Profa. Dra. Maria Edileuza, da Costa

Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Professora e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Letras, PPGL - UERN. Professora do Mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS - UERN. Professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGE-UERN.[edileuzacostauern@gmail.com](mailto:edileuzacostauern@gmail.com)

RESUMO:

Clarice Lispector alcança uma dimensão criativa incomum quando manifesta para fora de si, como ela mesmo diz, nas palavras de um narrador implícito, “(...) é mais que um lamento, um grito de ave de rapina, um beijo no rosto morto”, na obra: Um sopro de vida. Organizados por Olga Borelli, após a morte de Clarice, os trechos, escritos em aflição, aos poucos e em pedaços, numa não linearidade, característica das narrativas de Clarice, não interrompe o fluir de suas ideias e reflexões sobre a vida, sobre a morte e sobre Deus, Temas tão intrínsecos a natureza humana e, portanto, universais, a partir de uma visão clariciana da existência. Nesse trabalho, discutimos a construção da narrativa de: Um sopro de vida, observando sua intrínseca relação com a narrativa bíblica de Gênesis que retrata a criação do mundo e da humanidade. Observamos que, tanto nos aspectos estruturais, na linguagem e na escolha do tema e dos personagens, há uma forte intertextualidade e que todos esses elementos convergem num texto cheio de espiritualidade, expressividade única das palavras na reinvenção de seus significados. A luz de autores como: Candido (1970), Vieira (1998), Chiappini (2004), Sá (1978), procuramos perceber a intensa entrega de Clarice ao ato de escrever e de interpretar o mundo, utilizando-se de outros textos e discursos, mas também nos ofertando de um jeito muito particular, uma visão universal e deslumbrante sobre a vida.

**INTRODUÇÃO**

Apesar de sabermos que a escrita do livro Um sopro de vida se deu em um período de extrema dor causada pela enfermidade que levou Clarice Lispector à morte, o livro está impregnado de vida, vida na essência, como se já tivesse vivido tudo e agora, não importam mais os fatos. Sá (1978), diz que importa mais a vida do que os fatos, como se deixasse de lado a própria história para viver a essência da vida.

O que chama a atenção nessa obra, apesar de ser uma constante em outras de Clarice Lispector, como A paixão segundo GH por exemplo, é a forte intertextualidade com a bíblia. Entretanto, em Um Sopro de Vida, o próprio título, a estrutura da obra, a construção da narrativa e dos personagens remetem ao livro de Gênesis com uma clara relação do próprio processo de criação do homem relatada no texto bíblico, e as relações

entre criatura e criador, implícitas no texto bíblico. Não há como iniciar a leitura do Prefácio do livro em questão, sem nos remetermos ao texto bíblico de Gênesis 1: “No princípio criou Deus o céu e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo e o espírito de Deus pairava sobre as águas. (Gênesis 1.1)” Tudo nessa obra nasce, surge de um nada, tal qual a terra vai ganhando forma pela palavra divina, e da terra moldada Adão é criado, assim também pela palavra tudo vai se constituindo, vai ganhando forma: a própria palavra, suas escolhas, o texto, as ideias, o narrador, a personagem e, por fim, o livro, tudo ganha vida, a partir do sopro mágico da vida que emana. "Este é um livro silencioso. E fala, fala baixo. Este é um livro fresco —recém-saído do nada". Há uma forte relação entre os prenúncios da escrita em Clarice e o texto de Gênesis. Vejamos:

Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. Lispector,( 1978. p 11)

A mesma ideia presente no texto de Gênesis sobre as trevas densas que cobriam a terra, o vazio habitado por um espírito está na imprecisão de si, do espiritual, do que não dá para ver e entender ou descrever em palavras, no nascimento da própria ideia em Um sopro de vida. “e o espírito de Deus pairava sobre as águas”. O Deus e toda a sua vida era gerado pelo seu espírito criador que pairava. A versão bíblica Revista e corrigida, traduzida em português, por João Ferreira de Almeida diz: “e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Genesis 1.1). De qualquer forma, há uma imprecisão sobre as ações, o tempo, as intenções de Deus. Há em Um sopro de vida, uma dúvida sobre o que fazer com espírito. Entretanto em ambos, há uma ideia de construção de algo para seu elevo.

Quanto a ideia de tempo, dentro do texto bíblico, surge indefinido a partir da locução adverbial “No princípio”. Dentro da narrativa de Clarice essa ideia de indefinição de um tempo cronológico também é muito forte. A dimensão temporal é reduzida no efeito momentâneo da palavra.

Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais

Lispector, (1978. P 7).

A ideia de não se saber o princípio das coisas, o tempo exato, cronológico faz parte das duas narrativas, pois, nem a bíblica, nem a de Clarice nos diz quando foi o início das coisas, nem como esse tempo decorre dentro do texto. Na história da criação do mundo até a criação de Adão e Eva, conta-se dias, “E Deus chamou a luz de dia; e as trevas chamou noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro.” E assim vai sendo contado esse tempo inexato até o sétimo dia em que Deus descansa. Quanto tempo é um dia de Deus? Qual é o tempo do autor e de Ângela? Para Clarice, importava o momento atual, a essência do hoje.

Nunca a vida foi tão atual como hoje: por um triz é o futuro. Tempo para mim significa a desagregação da matéria. O apodrecimento do que é orgânico como se o tempo tivesse como um verme dentro de um fruto e fosse roubando a este fruto toda a sua polpa. O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe. Ou existe imutável e nele nos transladamos. O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa —eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto. Quero me multiplicar para poder abranger até áreas desérticas que dão a ideia de imobilidade eterna. Na eternidade não existe o tempo. Noite e dia são contrários porque são o tempo e o tempo não se divide. De agora em diante o tempo vai ser sempre atual. Hoje é hoje. Espanto-me ao mesmo tempo desconfiado por tanto me ser dado. E amanhã eu vou ter de novo um hoje. Há algo de dor e pungência em viver o hoje. (LISPECTOR, 1978. P 8).

Há, portanto, uma ideia de se viver o agora, e o que é mais próximo de uma delimitação do tempo para Clarice é o tempo em que ela se considera morta ou viva. Escrevendo, criando, ela estava viva. Pós-escrita ou em momentos de busca de ideias novas ela se considerava morta. “Deve ser por isso que escrevo”. A terra sem forma e vazia, sem humanos semelhantes a Deus o moveu a criar. Em um sopro de vida, O autor/narrador impregnado de Clarice diz:

Quanto a mim, não sei de nada. O que tenho me entra pela pele e me faz agir sensualmente. Eu quero a verdade que só me é dada através do seu oposto, de sua inverdade. E não aguento o cotidiano. Deve ser por isso que escrevo. Minha vida é um único dia. E é assim que o passado me é presente e futuro. Tudo numa só vertigem. E a doçura é tanta que faz insuportável cócega na alma. Viver é mágico e inteiramente inexplicável. (LISPECTOR, 1978. P 8).

Escrito ao mesmo tempo em que o livro A hora da estrela, que foi publicado em 1977 – ano em que Clarice Lispector faleceu, Um sopro de vida (Pulsações) é dividido em três partes: primeira: “O sonho acordado é que é a realidade”, a segunda “Como tornar tudo um sonho acordado?” e “O livro de Ângela”. O livro traz à tona, assim como em A hora da estrela, a relação entre um autor e sua personagem, Ângela, cujo o nome já havia aparecido no conto A partida de trem, publicado inicialmente no Jornal do Brasil de 1967 e posteriormente no livro “Onde Estivestes de Noite, lançado pela Editora Rocco. No processo de criação, Clarice escreve um livro em que há um personagem autor/escritor escrevendo um livro, e que cria uma personagem, Ângela Pralini que, de repente, também começa a escrever seu próprio livro. Inicia-se toda uma trama de criador e criaturas que combatem pelo mesmo direito à palavra e a autoria. As discussões perpassam por temas como a luta entre o ser e o existir. Uma discussão sobre o estar no mundo e ainda reflete sobre o próprio processo criativo e sobre a relação autor/personagem. O livro se compõe de diários. Diários do autor e da personagem. E a linguagem constitui-se um acontecimento, pois é a tradução de pensamentos filosóficos, e, em muitos momentos, as palavras ganham novos significados para dar conta de expressar o pensamento.

Faço o possível para escrever por acaso. Eu quero que a frase aconteça. Não sei expressar-me por palavras. O que sinto não é traduzível. Eu me expresso melhor pelo silêncio. Expressar-me por meio de palavras é um desafio. Mas não correspondo à altura do desafio. Saem pobres palavras. E qual é mesmo a palavra secreta? Não sei e por que a ouso? Só não sei porque não ouso dizê-la? Lispector(1978 p 23).

Tudo é constituído pela linguagem, as personagens, os novos conceitos das palavras, como também a imprecisão de algum sentimento, a indefinição da existência humana. Aquilo que não se exprime com palavras pode ser sentido pela música. Aliás, a presença da música é muito forte na própria construção da linguagem. Em muitos momentos há uma comparação da linguagem, dos sentimentos, da música que nos faz sentir e entender o que não se pode através de palavras. “este é um livro fresco — recém-saído do nada. Ele é tocado ao piano delicada e firmemente ao piano e todas as notas são límpidas e perfeitas, umas separadas das outras”.

Assim como no texto em Gênesis tudo é criado a partir da palavra, do dizer de Deus, a linguagem também vai criando os personagens dentro do texto. Autor: SEM NOME. Cria a personagem para se conhecer, para buscar uma definição da vida. Enquanto cria Ângela, ele também é criatura do leitor que o percebe como personagem. Ele o narrador e autor, movido por um sonho que ele mesmo explica, cria um eu inconsciente dele próprio, a personagem Ângela Pralini “Escolhi a mim e ao meu personagem – Ângela Pralini – e para que talvez através de nós eu possa entender essa falta de definição da vida”. Lispector, (1978 13). Desse modo, esses personagens de Clarice são mais uma vez caracterizados por atitudes filosófico-existenciais, vivendo situações de conflito e de intensas especulações sobre a condição humana. O autor vai utilizando palavras como vida, morte, liberdade, felicidade, verdade, mentira, realidade e assim vai falando sobre suas intenções com a escrita e sobre a criação de sua personagem.

Nesse sentido, não só a linguagem como também a própria estrutura da narrativa e toda a sua construção tem uma forte relação com a estrutura do texto bíblico de Gênesis. No seu trabalho intitulado: “A Linguagem Espiritual de Clarice Lispector”, Nelson Vieira, discute o tom misterioso, enigmático da linguagem, seu caráter espiritual que nos faz lembrar da “força propalada pelas palavras da Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, onde a seleção cuidadosa, mas oblíqua, de palavras, frequentemente, deixa lacunas ou, às vezes, pistas entre o que é dito e o que é inferido”. Na realidade, essa é uma consideração de Robert Alter, no seu estudo the Art of Biblical Narrative: "a concisão críptica da narrativa bíblica é um reflexo de sua profunda arte". Neste texto ele afirma que a linguagem da narrativa bíblica é diferente e especial, pois ela é concreta, as palavras assumem uma força expressiva, poética, ao mesmo tempo que é nova e sugestiva, instigando um mistério, uma outra significação. Por essa razão, a linguagem e a estrutura da narrativa de Clarice se interligam pela presença de certos elementos de elementos bíblicos e judaicos na sua linguagem, motivos cristãos e simbologia profunda. Há, portanto, um reflexo na narrativa clariciana, da narrativa bíblica essencialmente do Novo Testamento, principalmente, no que se refere aos aspectos estéticos e retóricos. Elementos como: poder concreto da palavra, a repetição de palavras chaves e de uma sintaxe evocativa, mais o elemento mítico, paradoxal e ilógico. É enigmático e sagrado. Clarice era judia e, com certeza, tinha toda uma formação referente à religião de sua origem, e, mesmo ampliando suas discussões para um tom universal, tais influências se revelam na sua forma de escrever e de conceber o mundo.

Essa ideia de uma retórica de mistério, enigma, mito e revelação está, segundo Vieira (1999), nas narrativas bíblicas que em muitos textos “exploram, numa linguagem de escuridão, silêncio, e mistério, um Deus bastante enigmático, confere um poder inexplicável sobre a narrativa de certas estórias”.

Vejamos nesse sentido que, dentro de: Um sopro de Vida, poderíamos associar à estrutura da narrativa e seus personagens a mesma estrutura da história da criação. No mesmo papel do Deus criador estaria Clarice. O autor criado por Clarice, como protagonista da história, estaria na mesma condição de Adão, e esse, por sua vez, cria Ângela semelhantemente a Eva, aquela que foi criada da costela de Adão, ganha proporcionalmente destaque na história, e é capaz de protagonizar uma nova história, que culmina com o destino da humanidade. O que é novo em Clarice, é que ao assemelhar seu processo criador ao texto da criação bíblica, ela deixa a todos no mesmo patamar de dúvida, incertezas sobre a vida, sobre existir, ser, desistir, morrer. Não há um ser superior, pois todos são dotados de consciência, autonomia e, ao mesmo tempo, limitados aos mistérios da morte, do espiritual, da vida em sua completude.

Acompanhemos a narrativa bíblica do capítulo 2, versículos de 1 ao 27 de Gênesis, da versão Bíblica Almeida:

Assim os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera. Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra. E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há obélio, e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates. E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea.

Tomamos por base esse trecho para compreendermos como há uma forte intertextualidade dentro do texto de Clarice com a Bíblia. Assim, no sétimo dia, tempo inexato, Deus fez todo o mundo e pensou nas criaturas para usufruir dessa vida. Ao criar Adão, esse recebeu a função de nomear tudo, inclusive os seres vivos, animais e plantas. Adão era o autor, no entanto, ao observar a criação e toda a vida que fluía, pares vivendo harmoniosamente, o texto revela que Deus percebeu o vazio de Adão, os primeiros traços de inquietude e solidão bem conhecidos pela raça humana, quando percebe a falta de algo ou alguém em sua vida. Então, o próprio Deus resolve criar a companheira de Adão. Enquanto Adão dormia em um sono provocado por Deus, ele arranca da costela de Adão, material suficiente para criar a mulher e ser a companhia de Adão. Eva nasce, portanto, com a missão de ser companhia, de ser uma fonte de prazer, de compreensão e submissão para seu companheiro.

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam.

Entretanto, Eva tem curiosidades, parece andar pelo Jardim sozinha, explorando o ambiente, pois na continuidade do texto, observamos que a serpente a encontra sem Adão. Ela está vivendo suas próprias experiências, e movida pelo querer compreender, ela se encanta com a proposta de uma fruta lhe responder alguns questionamentos, de saber e compreender sua própria existência.

Em Um sopro de vida, o autor sem nome, também está em conflito e quer compreender-se, achar-se em meio a tantos questionamentos. É por essa razão que, depois de um sonho, ele próprio cria Ângela, alter ego, entretanto, Ângela se distingue por ser autônoma, livre, raciocinando por si mesma e se opondo ao seu autor. O espelho não reflete a mesma imagem, mas a inversa, aquela que o autor teme, ele mesmo afirma: “Ângela é tudo o que eu queria ser e não fui” (LISPECTOR, 1978. P 26). O autor e Adão vivem o mesmo conflito de não ter domínio realmente sobre suas companheiras. Em Eva e Ângela há o mesmo desejo intenso de ser por si e não pelo o outro. Os dois se deixam levar pelo fascínio dessas criaturas e ambos são engodados pela complexidade de pensar, de querer se conhecer e conhecer o mistério profundo da vida, o para quê existo: a fome justifica tudo. (LISPECTOR, 1978. p 88). Cada um com sua fome.

Segundo Candido (1970), no texto: “No raiar de Clarice Lispector”, a linguagem, o romance de Clarice tem “um ritmo próprio, de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançadas em nossa literatura”. Isso pode ser percebido na medida em que vamos adentrando a leitura e percebemos que estamos de tal forma envolvidos, que não dá mais para voltar atrás, precisamos saber mais, pensar mais, e, junto com Clarice, refletir sobre a vida, sobre as características dos personagens e de como eles nos refletem e nos refratam, como diria Bakhtin, sobre a linguagem, porque vão alterando nossa forma de ver o mundo e os nossos próprios anseios. Há sempre que se fazer uma reflexão lendo Um sopro de vida, assim como na narrativa bíblica, que busca e nos leva a reflexões espirituais. Sá (1978) nos chama atenção para a gradação da evolução com a qual Ângela vai tomando forma e fôlego dentro da história. De repente, nos damos conta que ela está escrevendo seu próprio livro. De personagem à autora, assim, passo a passo, ela é construída e se constrói dentro do texto. Enquanto o autor está perdido como ele mesmo afirma na página 52 “Sou um escritor enredado e perdido. Escrever é difícil porque toca nas raias do impossível”. Ou seja, ele ainda está tentando se achar e escrever sua história, enquanto o livro de Ângela vai ganhado corpo. É a criação da criação.

É desse modo que associamos: Um sopro de vida, estrutura, à linguagem da narrativa bíblica de Gênesis. Clarice se apropria de seu conhecimento da tradição linguística, estética da bíblia, do judaísmo, para dar em sua narrativa, um poder maior as palavras, que ganham novo valor, significados que transcendem o lugar comum. A palavra é pensada, articulada para o resultado esperado de envolver, de seduzir e nos levar a refletir sobre valores, vivências, sobre a espiritualidade, o não dizível, mas é possível sentir, transcendendo pela linguagem, a própria linguagem.

Para concluir, a partir da estética e da temática do Antigo Testamento, Clarice cria sua linguagem em Um sopro de vida sem perder a originalidade, a sua identidade, pois as marcas de sua autoria está nas expressões enigmáticas das palavras, na seleção cuidadosa destas, na concisão com a qual ela questiona o próprio Gênesis, criando personagens que argumentam, questionam, se expõe frente à vida, o mistério dela, e que mesmo na condição de criatura, expõem suas dúvidas e, contrários a Adão e Eva, não se escondem e nem recebem submissos os castigos divinos. O fim de todos, Criador e criatura se dá na mesma proporção: se um morre, todos morrem, e se um cai todos caem, como podemos ver no texto final do livro: trecho final do livro.

[Quando o olhar dele vai se distanciando de Ângela e ela fica pequena e desaparece, então o Autor diz:]

— Quanto a mim também me distancio de mim. Se a voz de Deus se

manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus.

Recuo meu olhar minha câmera e Ângela vai ficando pequena, pequena,

menor — até que a perco de vista. E agora sou obrigado a me interromper porque. Ângela interrompeu a vida indo para a terra. Mas não a terra em que se é enterrado e sim a terra em que se revive. Com chuva abundante nas florestas e o sussurro das ventanias. Quanto a mim, estou. Sim. "Eu... eu... não. Não posso acabar." Eu acho que...

Lispector (1978, p. 142)

Conforme o texto, há o silenciamento de todos, e ao sair de cena criador e criatura, encerra-se também a cena, o cenário, a peça se desfaz, ou se refaz em outro espaço. A ideia de “ir à terra”, não é a mesma de retornar à terra, ao pó de onde o homem foi formado conforme a Bíblia, mas de uma terra onde a vida se materializa e é contínua. Desse modo, Clarice Lispector dialoga com a bíblia, e numa dialética impressionante, em que tudo na obra (estrutura narrativa, linguagem, personagens) se reportam ao texto bíblico, a partir de uma interpretação concisa e responsável da Clarice leitora, porém, suas reflexões ultrapassam os limites da subjetividade, pois abordam temas e conflitos humanos, infindos e universais.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento. Trans. João Ferreira de Almeida. Ed. revista e atualizada no Brasil, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ALTER, Robert. The Art of Biblical Narrative. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1981.

CANDIDO, Antonio. "No Raiar de Clarice Lispector", Vários Escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. 123-131.

Clarice., Lispector, (1978). Um sopro de vida: pulsações. Rio de Janeiro: Rocco.

DE SÁ, Olga. Clarice Lispector: a travessia do oposto. Págs. 199-239

FRYE, Northrop. The Great Code: The Bible and Literature. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1983, in VIEIRA, Nelson H. A Linguagem Espiritual de Clarice Lispector, 1878.